

Intervenção do Sr. Bispo D. Nuno Almeida,  
na Peregrinação Jubilar 2025 das Equipas de Nossa Senhora – Supra Região Portugal  
Fátima, Centro Paulo VI, 16.Nov.2025

## Deixar-se olhar por Jesus

Estimados Fátima e António Carioca, casal responsável da Supra-Região Portugal, caríssimos Padres Conselheiros, queridos Casais presentes nesta Peregrinação Jubilar do Movimento das Equipas de Nossa Senhora.

1. O desejo do Papa Francisco para este ano jubilar era “*que a luz da esperança cristã chegasse a cada pessoa, como mensagem do amor de Deus dirigida a todos. E que a Igreja fosse testemunha fiel deste anúncio em todas as partes do mundo*”. Já próximos do final do ano, qual foi a caminhada da Igreja Portuguesa? Está a Esperança Cristã enraizada de forma inabalável no coração dos fiéis? E como resplandeceu para a sociedade em geral? Estamos nós, católicos, conscientes da necessidade de sermos “Zaqueus”?

A Igreja existe para que Jesus Cristo seja, de facto, nosso contemporâneo, conterrâneo e companheiro na viagem da vida. A igreja existe para que continue aquela troca de olhares que salvam!

No encontro de Jesus com Zaqueu cruzam-se diversos olhares. Desde logo, e em primeiro lugar, **o olhar curioso e sequioso de Zaqueu**, que trepa a árvore e se esforça por ver quem é Jesus, como se lhe bastasse e fosse tudo ver Jesus a passar.

Mas é bem verdade, que nada teria mudado na sua vida, se não viesse depois **o olhar fixo de Jesus**, que passando, viu primeiro, e quis ficar com ele. O olhar de amor de Jesus precede o de Zaqueu. É um olhar gratuito e surpreendente, que vê Zaqueu e o chama pelo nome, deixando-o, de olhos em bico. Jesus quer vê-lo melhor, entrar no seu mundo interior. E quer deixar-se ver e conhecer por ele. Por isso, antes que o convidem a ficar, Jesus antecipa-se e faz-se convidado: «*Hoje, quero ficar em tua casa*». Hoje quero ver-te *olhos nos olhos*.

Do lado de fora, está **o olhar cego dos outros**. O olhar dos que olham de lado, dos que não querem ver, dos que preferiam ver Jesus e Zaqueu pelas costas. É o olhar frio, altivo, distante e enviesado, dos que murmuravam, por serem incapazes de ver os sinais da misericórdia e da bondade de Deus.

Novo é finalmente **o olhar de Zaqueu**, que, depois do olhar fito de Cristo, começou a **ver de novo todas as coisas**. O brilho das riquezas deixara já de encadear os seus olhos. Os seus olhos abrem-se para a luz de Cristo, que ilumina a sua vida. E a sua vida orienta-se numa nova direcção!

No olhar de Jesus está concentrado e transmite-se todo o amor eterno com que Ele pensou e amou cada pessoa. Esse olhar chega num momento específico, que ficará para sempre gravado na mente da pessoa olhada. É um olhar que vem de longe, carregado com todo o conhecimento que Jesus cultivou longamente antes do encontro.

Neste Jubileu, multiplicaram-se as oportunidades de ouvir Jesus Cristo através da **Peregrinação**, da passagem da **Porta Santa** e da obtenção do **Perdão** em plenitude: a indulgência plenária. Foram muitas as oportunidades de tocar Jesus Cristo, especialmente no Pão e no Vinho da Eucaristia, alimento de esperança. Muitas as possibilidades de “ver” Jesus, sempre que nos reunimos unidos e em Seu nome, pois o Senhor cumpre a Sua promessa de estar no meio de nós e de enviar-nos o Seu Espírito (cf. Mt 18,20 e Mt 28,20).

Como Igreja e para sermos testemunhas e semeadores de esperança, em cada dia, procuremos, antes de mais, contemplar com fé e gratidão Jesus Cristo e o seu modo de parar, olhar, falar, servir (hoje quero ficar em Tua casa), descobrindo que o Seu primeiro olhar se dirige ao sofrimento, manifestando amor: como misericórdia que cura, perdão dos pecados, ternura que acompanha, diálogo que devolve dignidade, acolhimento de quem está à margem. A sensibilidade radical de Jesus para com o sofrimento humano caracteriza o seu modo de viver, servir e amar até ao fim.

Para sermos testemunhas e semeadores de esperança, aprendamos de Jesus a viver um amor que está atento, que se inclina, se ocupa, carrega e se doa sem reservas até ao fim.

2. A vida cristã está inevitavelmente “obrigada” a ser testemunho da **Esperança** e da **Confiança**. Como podem as famílias trabalhar estes valores, educar os seus filhos neles e pô-los em prática? Como podem os casais das ENS, com a sua espiritualidade própria (focada na Santidade do Cônjugue e do Casal) ser sinais de Esperança? Como podem levar a Esperança, a tantos outros que dela estão necessitados?

É possível ser testemunhas de esperança e confiança se cultivarmos a “arte cristã de amar”.

O amor que se traduz em serviço concreto tem as suas palavras e atitudes típicas. A primeira é a **atenção**. Não cultivamos e praticamos o amor serviçal se não estamos atentos a quem vive connosco na mesma casa, passa por nós, trabalha na secretaria ao lado da nossa, na mesma secção da empresa ou mora no apartamento em frente. Sem a

atenção interior e exterior, não conseguimos exercitar o segundo verbo fundamental do amor: **olhar**. Quem ama passa pelo mundo olhando-o. Ter atenção e silêncio interior suficientes para olhar a vida que lhe passa ao lado.

Olha e vê e, por isso, ouve o infinito grito de compaixão que se eleva à sua volta. E uma vez **vistas e ouvidas as dores dos outros**, escolhe livremente servir, inclinando-se, fazendo-se próximo, cuidando da dor dos outros.

Temos uma imensa necessidade de pessoas servidoras; hoje mais do que ontem. Estamos cada vez mais inundados por sofrimento psíquico, moral e espiritual, mas o terreno não consegue absorver esta água porque são demasiado poucas as pessoas capazes de compaixão, e menos ainda aquelas que servem com perseverança. São, no entanto, estas que mudam radicalmente a qualidade moral dos lugares onde vivem. **Basta, por vezes, uma única pessoa realmente servidora para salvar uma comunidade inteira.**

A vida floresce quando somos capazes de descobrir a beleza que nos rodeia, deixando-nos tocar por ela. Mas não menos importante é procurar e descobrir a dor à nossa volta, amá-la e deixar-nos amar por ela. **O maior dom que se pode fazer a um filho é ajudá-lo na sua capacidade de compaixão, de servir e de amar.** Porque é a compaixão pela dor dos outros que nos faz ver a maior beleza da terra, a escondida no coração das pessoas.

Para que tudo isso aconteça é decisivo escutarmos juntos, e em todos os momentos da vida, a Palavra de Deus, principalmente nas ocasiões importantes da vida pessoal e familiar, deixando-nos “visitar”, como Maria, pela Palavra, (cf. Lc 1.26-38) para que ela nos envolva e nos converta. (Colher na Bíblia ...!).

Trata-se de procurar ouvir a Palavra de Deus juntamente com os que fazem parte da nossa Equipa, deixando que dê sentido à vida, para que sejam vividas com beleza as circunstâncias festivas e enfrentados como coragem os momentos de prova e sofrimento. As ENS, desde há muitos anos reúnem casais e famílias, em pequenos grupos, ao redor da palavra de Deus, fazendo dos cristãos “profetas de sentido e inimigos do absurdo” (Paul Ricouer), semeadores, anunciantes e testemunhas da Esperança!

Ao reunir em pequenos grupos para a escuta da palavra e para que a Palavra se faça vida e a nossa vida se faça Palavra, descobrimos a verdade das afirmações do Papa Francisco: «A Palavra possui, em si mesma, uma tal potencialidade, que não a podemos prever [...]. A Igreja deve aceitar esta liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas» (EG 22).

## Conclusão

Não podiam ser mais certeiras as palavras de Tolstoi em “Anna Karénina”, quando recorda: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

A família é um **mistério de amor**: amor conjugal, maternal, paternal, filial, fraternal, amor dos avós pelos netos e dos netos pelos avós, dos tios pelos sobrinhos, etc. Nada mais constitui, liga, constrói e reconstrói a família senão o amor! De facto, a família cristã deverá ser tecida, “artesanalmente”, pelos fios da conjugalidade, parentalidade e fraternidade místicas, realistas e oblativas. O mesmo será dizer por um amor místico, realista, oblativo e belo.

Na família é decisivo este amor forte, indissolúvel e estável. Um amor com estas características gera esperança e confiança. E a confiança gera comunhão, que é um factor de coesão emocional para a comunidade familiar.

Porém, a construção da unidade familiar é uma parte da experiência a construir, pois a família deve igualmente habilitar os seus membros para a aventura da autonomia. **A família é um ninho, sim, mas deve ser também uma escola de voo. É um porto de abrigo, sem deixar de ser um impulso à navegação em mar aberto.** Viver isso com naturalidade, sem ansiedade nem com o peso da culpa, é uma sabedoria que se vai adquirindo. No processo de aquisição desta sabedoria, há três pontos que convém nunca perder de vista. O primeiro é compreender que a família vive numa reconciliação permanente, o que implica uma descoberta e redescoberta permanentes. Não basta o saber do que era: é necessário a disponibilidade para reconhecer o que a cada momento é e que está a acontecer agora. Muito facilmente a família se torna irreconhecível de um dia para o outro e os seus membros como que estranhos. A prática da hospitalidade radical que define o amor é, por isso, um trabalho interminável.

Não há alternativa ao sair ao encontro e **à troca atenta de olhares (à maneira de Jesus e Zaqueu)** de uns para com os outros e sempre de coração desarmado, para aprender do outro aquilo que só ele nos pode ensinar. Pensar que os pais conhecem os filhos de uma vez para sempre, ou vice-versa, é um erro grosseiro. O verdadeiro conhecimento é aquele que aceita confrontar-se com o desconhecido que imediatamente não vemos, mas que está lá.

O segundo ponto é aquele de desconfiar dos automatismos. Todas as famílias (felizes ou infelizes que se sintam) precisam de aprofundar competências. E esta exigência acompanha-as até ao fim. Por exemplo, a transferência das culpas é uma cortina que não permite perscrutar o nó do problema, nem detectar a armadilha dessa dor, que é, no fundo, a ilusão de que se sabe automaticamente resolver os desafios que se colocam à família. Não se sabe. E a consciência desta ignorância é mais fecunda do que se supõe. Desperta, por exemplo, a atitude da atenção e da escuta, nas quais está o primeiro passo para a resolução dos conflitos. Sensibiliza para a necessidade de procurar ajuda sempre que é necessário.

O terceiro ponto é aquele que valoriza o papel da esperança. Uma família é uma construção assumidamente colaborativa, fruto da cooperação dos seus membros, no sentido que depende de todos no aqui e no agora. Mas é uma história maior do que aquela que o presente histórico pode decidir. O modo original como cada geração interpreta as raízes ou a direcção surpreendente que empresta ao próprio florescer mostram como a família é sobretudo um fruto da esperança. A felicidade da família depende sempre do investimento em esperança que está disposta a realizar. Que seja assim!

Em nome da CEP, agradeço às ENS por ajudardes a Igreja a passar de uma pastoral sobre a família ou *para* a família a uma pastoral *em* família, *com* a família, *da* família, de modo que as famílias se tornem sujeitos activos da pastoral familiar (cf. AL 200; 287). E são-no, desde logo, pela própria vida familiar, onde se afirma e cresce a família como Igreja doméstica. E são-no, pelo testemunho de santidade quotidiana, vivendo de modo extraordinário as coisas ordinárias. E são-no pela relação de ajuda a outras famílias. E são-no pela participação em grupos, associações, movimentos, eclesiais, sociais ou culturais, que promovam a vida e a família.

Tudo isto, sugerido na *Amoris Laetitia*, estava já bem presente na vida e acção deste belo e fecundo movimento das Equipas de Nossa Senhora.

Permanecem incisivas e oportunas as palavras do Papa Francisco pronunciadas, em 2022, no Encontro Mundial das Famílias: “*Ao afirmarmos a beleza da família, sentimos mais do que nunca que devemos defendê-la. Não permitamos que seja inquinada pelo veneno do egoísmo, do individualismo, da cultura da indiferença e do descarte, e perca assim o seu “DNA” que é o acolhimento e o espírito de serviço. Os traços próprios da família: o acolhimento e o espírito de serviço dentro da família*”.

À Sagrada Família de Nazaré, confiamos as nossas famílias:

*Protege, Santa Família de Nazaré, as nossas famílias,  
Todos os casais, os filhos e os pais,  
E enche de alegria, mais, mais e mais,  
Todos os seus dias, manhãs, tardes, noites e vigílias  
Vela, Santa Família de Nazaré, por cada criança,  
por cada mãe, por cada pai, por cada irmão,  
A todos os velhinhos, Santa Família de Nazaré, dai a mão,  
e deixai em cada rosto um afago de esperança. Amén!*

+ Nuno Almeida

Bispo de Bragança-Miranda e Presidente da CELF na CEP